

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Opinião*

Class.: 128

Data: 10.01.75

Pg.: 3

Índios A morte do "Paizinho"



Gilberto Pinto

Segundo a Funai, o sertanista Gilberto Pinto era amado pelos Waimiri-atroari. Na semana passada eles o mataram. Por quê?

"Só penso na paz que eu poderei dar um dia a esses índios, mesmo sabendo de seu caráter violento, da sua rebeldia, da sua vontade de matar o branco. O índio Waimiri-atroari é um ser tão sensível — como todos os índios — que um menor olhar diferente do branco é suficiente para ferir a sua sensibilidade. Eu nunca quis saber por que os índios matam ou deixaram de matar... Tenho-os como meus filhos, considero-os o prolongamento da minha casa. Ando armado de revólver na floresta mas não atiro nos índios em caso de um ataque. Se me matarem um dia, paciência..." (do sertanista Gilberto Pinto, em depoimento que concedeu ao jornal *O Estado de São Paulo* em abril passado para ser publicado somente depois de sua aposentadoria — ou em caso de morte).

O sertanista Gilberto Pinto — o *Paizinho*, como era chamado pelos Waimiri-atroari — era o maior orgulho da Funai, onde entrou em 1941, aos 15 anos, como servente. Por seu eficiente método de contato com os índios — "ser honesto com o indígena e procurar entendê-lo da melhor maneira possível" — a ele coube a difícil tarefa de atração dos Waimiri-atroari, os índios mais aguerridos e rebeldes de toda a Amazônia. "Não foi fácil adquirir essa confiança dos Waimiri-atroari. Eles sempre foram arredios, não só por sua índole, mas sobretudo pelo fato de terem sido, durante muitos anos, enganados e espoliados pelos brancos inescrupulosos. Essa impressão que eles têm do civilizado — para o índio todo branco é igual — nós estamos tentando tirar, fazendo com que eles acreditem naqueles que efetivamente são seus amigos", dizia.

Gilberto Pinto, o *Paizinho*, passava o Natal em Manaus, com a família, quando foi chamado às pressas ao posto de atração Abonari II por causa da súbita presença de guerreiros Waimiri-atroari ao redor do acampamento, onde, dias antes, havia aparecido o sinal de guerra dos índios: flechas cruzadas. Na madrugada do dia 29, já no acampamento, Gilberto Pinto acordou com os gritos de guerra dos índios. Assustado, imediatamente levantou-se da rede e correu para tentar apaziguar os guerreiros. Tombou com uma flecha no peito e outra no fígado. Só um funcionário da Funai escapou ao ataque: os outros três foram trucidados a golpes de borduna.

Ao contrário das vezes anteriores, quando os ataques dos índios eram comandados pelo guerreiro Comprido, da tribo dos Atroari, desta vez o próprio cacique Maruaga, um

guerreiro Waimiri, de 60 anos aproximadamente, chefe absoluto dos dois grupos que, apesar da tradicional rivalidade, se uniram há algumas décadas numa espécie de confederação para defenderem suas terras das investidas do inimigo comum: o homem branco.

Por que matam os Waimiri-atroari?

Muitas vezes, segundo o sertanista João Américo Peret, o índio mata o branco porque o identifica com estranhas doenças que surgem em sua tribo após os primeiros contatos com a nossa civilização, como a gripe, o sarampo e outras doenças contra as quais não têm anticorpos. Os Waimiri-atroari, naturalmente, também não escaparam dessa sina: no ano passado um surto de gripe abateu pelo menos 15 deles. Mas, pelo menos no caso dos Waimiri-atroari, isso é apenas uma parte da história.

A sua aversão ao branco é bem mais antiga e remota à conquista da Amazônia, por volta do século XVII, quando o colonizador português Pedro Favela matou mais de 40 mil índios nas cabeceiras do rio Urubu e aprisionou outros milhares. Em 1856, por sua vez, os Atroari sitiaram a cidade de Airão, uma das principais da província do Rio Negro, deixando-a arrasada. Mas a represália não tardou e veio, ainda mais dura, através de uma série de expedições punitivas que empurraram os índios de sua vasta região no Alto do rio Negro para uma área bem menor, entre os rios Alalaú e Camaná, no norte do Amazonas. Nos últimos tempos têm sido frequentes os incidentes entre os Waimiri-atroari e fazendeiros, grileiros, caçadores de pele, seringueiros, garimpeiros e outros tipos que insistem em invadir suas propriedades. Ainda segundo o experiente Américo Paket, "os vizinhos dos índios estão sempre em choque com eles, sobretudo quando a tribo anda muito no período de caça e penetra em outras terras". "Numa dessas expedições punitivas, há 10 ou 20 anos", conta Peret, "um grupo de brancos perseguiu os Atroari, travou combates com eles, aprisionou 60 e os levou amarrados até uma cachoeira conhecida pelo nome de Criminosa. Ali foram todos degolados com facões".

A missão Calleri

Nas últimas décadas, entre baixas sucessivas, os Waimiri-atroari teriam massacrado 14 expedições oficiais, segundo a Funai, culminando com o célebre massacre da missão do padre Calleri, em 1968. A atração dos índios havia sido iniciada meses antes pelo

sertanista Gilberto Pinto, mas o padre João Calleri, da prelazia de Rondônia, assumiu os trabalhos a convite de empreiteiras, para tentar convencer os Waimiri-atroari a se afastarem da região para permitir o avanço da BR-174. Entre outros erros, como tratar os indígenas com visível desprezo (chegou a expulsar a pontapé um guerreiro que havia deitado em sua rede), o padre João Calleri cometeu um pecado mortal, na opinião dos sertanistas da Funai: levou uma mulher na sua equipe de nove pessoas. E os índios já desconfiados do grupo de Gilberto Pinto, entenderam a presença feminina na expedição do Padre Calleri como sinal de que talvez tivessem chegado para ficar. A tragédia aconteceu no dia 3 de outubro e apenas um sobreviveu para contar a história. Dos outros expedicionários só restaram os ossos, recolhidos semanas depois pelo Serviço de Buscas e Salvamento da FAB. Na época o então diretor do Patrimônio Indígena da Funai, José Maria da Gama Malcher, levantou a hipótese de que a origem da animosidade dos Waimiri-atroari seria "os interesses econômicos estrangeiros da terra dos índios, ricos em minérios". "Missões americanas protestantes utilizam-se de pseudomissionários, preocupados, na verdade, com pesquisas e contrabando de minérios", denunciou Malcher, com grande repercussão, em 1968.

Só em outubro de 1970, após dois anos de paralisação de qualquer aproximação com os Waimiri-atroari, a Funai arriscou enviar outra equipe, novamente chefiada por Gilberto Pinto, para tentar mais uma vez a atração dos índios que, a esta altura, viam com certa inquietação a aproximação da rodovia Manaus-Caracará, a cargo do 6.º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército. Aos poucos, Gilberto Pinto conseguiu cativá-los e a amizade aparentemente firmou-se em setembro de 1972, quando ele foi convidado pelo cacique Maruaga para assistir o ritual que realizam para saudar a primavera. Em todos os contatos Gilberto Pinto pacientemente procurava reafirmar as "boas intenções dos civilizados", ao mesmo tempo que, entre presentes e alimentos, renovava o pedido para que permitissem a passagem da estrada pelo seu território. As vezes, durante esses encontros, ele levava em sua companhia alguns oficiais do 6.º BEC, "para que eles (os índios) fossem se acostumando com suas presenças".

Reunidos em 13 aldeias, a população total dos Waimiri-atroari não deve passar de mil índios, de acordo com a estimativa de Gilberto Pinto, porque a Funai não tem condições de fazer uma avaliação mais precisa: não deixam ninguém penetrar no interior de seu

território, onde as aldeias seguem uma orientação paramilitar: nas mais avançadas habitam só guerreiros, enquanto as do interior, onde moram as famílias, também são cercadas de dispositivos de defesa. Os homens usam apenas uma espécie de cinto de cipó e as mulheres uma tanga feita de caroços de bacaba, fruta natural da região, presos a um tecido de tucum, que cobre apenas a parte dianteira. Arredios a qualquer contato com o homem branco, nos últimos anos os Waimiri-atroari têm sido os índios mais problemáticos para a Funai, principalmente depois que a BR-174 alcançou o rio Alalaú. A rodovia, que está quase concluída após sucessivas paralizações por causa da hostilidade dos índios, corta a área dos Waimiri-atroari praticamente ao meio numa extensão de 170 quilômetros. No ano passado Gilberto Pinto custou a convencer os índios de que a ponte sobre o rio Alalaú não estrangulava o rio, impedindo a pesca, base de sobrevivência da tribo, como eles pensaram. O problema é que a colocação das estações impediu a passagem de canoas, causando a justificada apreensão dos índios.

Apesar do bom entendimento do sertanista Gilberto Pinto com o cacique Maruaga, os ataques, principalmente aos postos avançados da Funai, se repetiram com inquietante frequência nos últimos dois anos. O ataque ao posto da Funai em janeiro de 1973, quando morreram três funcionários, teve um motivo especial. Antes, um transportador de mercadorias de uma das empreiteiras encarregadas do desmatamento havia tentado sevir uma índia e, segundo o único sobrevivente, os índios estavam atrás desse indivíduo, que, inclusive, chegou a responder a inquérito na polícia mas acabou solto sem nenhuma punição. De janeiro de 1973 até agora pelo menos 15 pessoas foram mortas pelos Waimiri-atroari e esta última investida ao posto da Funai foi a terceira em apenas três meses, sendo em que uma delas, em novembro, com três mortes, foi ao acampamento de uma empreiteira.

Semanas antes desse último ataque dos Waimiri-atroari, o sertanista Gilberto Pinto, através do ofício n.º 20/09, encaminhado ao sub-coordenador da Funai de Manaus, apontou alguns problemas que estavam complicando ainda mais a situação: o ex-deputado federal Abraão Sabbá está loteando a área dos Waimiri, enquanto outro empresário de Manaus montou uma serraria a 10 quilômetros das malocas dos Atroari. Parece que a Funai também não se importou muito para o prenúncio, observado por alguns mateiros, de uma provável expansão da confederação dos Waimiri-atroari com a inclusão dos Wai-wai, cujos guerreiros, embora menos hostis e já acostumados com os fazendeiros, ultimamente não estavam querendo serem vistos pelos Atroari em companhia de homens brancos.

A viagem a Manaus do guerreiro Comprido, braço direito de Maruaga, talvez tenha contribuído para reanimar as convicções dos Waimiri-atroari. Depois de um pequeno período de relativa paz e entendimento com o pessoal da Funai, em meados do ano passado, Comprido pediu para visitar Manaus e foi atendido. Voltou de avião e, à medida que o aparelho sobrevoava a região, via as áreas de desmatamento da rodovia e os diversos acampamentos e casebres fincados ao longo da estrada e então, segundo um funcionário da Funai a *Opinião*, "ele teve a real compreensão do significado da estrada".

A morte de Gilberto Pinto, o *Paizinho*, não somente privou a Funai de seu mais importante sertanista, como, mais ainda, praticamente encerrou toda uma política pacífica de aproximação que vinha sendo tentada desde 1968, além de ter desacreditado ainda mais o órgão.

Dias após o ataque mantinha-se ainda uma certa inquietação junto às frentes de construção da estrada que, numa segunda etapa, deverá ligar Manaus a Caracaras, passando por Boa Vista, em Rondônia.